

Lighting design



Por Adriano Degra
e Erlei Gobi

A prática do profissional de iluminação fora do Brasil

A ILUMINAÇÃO É UM DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA A arquitetura. Ela é determinante para ressaltar um objeto de destaque ou “esconder” uma área indesejada. A luz interfere na produtividade de funcionários, na saúde do ser humano, nas vendas de uma loja, no conforto visual e ambiental de uma residência, e em diversas outras situações cotidianas. Apesar dessa inegável importância da iluminação na vida moderna, a profissão de lighting designer ainda não é regulamentada em todo o mundo.

Exercer a atividade de lighting designer no Brasil não é uma tarefa das mais fáceis. Os profissionais especializados na realização de projetos de iluminação precisam driblar diversas dificuldades, como a pouca cultura de iluminação no país, a falta de reconhecimento da importância desta atividade; a concorrência de profissionais não especializados e de empresas e lojas de iluminação, que oferecem projetos luminotécnicos sem custos, entre outras. Porém, será que esses percalços também são encontrados pelos lighting designers que trabalham no exterior?

Valorização

Segundo Magna Ferreira Schulz, lighting designer brasileira residente na Alemanha, a cultura de iluminação está totalmente desenvolvida na Europa e isso valoriza muito a profissão. “Em Londres, por exemplo, o mercado é ainda mais forte que na Alemanha e os escritórios de lighting designers têm parceria com arquitetos, construtoras e com designer de interiores. A própria

indústria divulga muito a cultura de iluminação, porque quanto mais lighting designers, mais projetos e mais lucro para ela. Além disso, os clientes sabem da importância dos profissionais. Na Alemanha há muita informação sobre lighting design na televisão, coisa que nunca tinha visto antes”, contou.

Para Claudio Ramos, brasileiro morador dos Estados Unidos e sócio do escritório Banks | Ramos Arquitetural Lighting Design, os americanos valorizam muito mais a mão de obra especializada. “Trabalhei em um projeto de iluminação onde havia um profissional específico apenas para evitar que os pombos se instalassem no local após a construção”, exemplificou. Essa especialização também é vista nos casos dos profissionais que trabalham com iluminação. “Somos consultados e contratados pelos escritórios de arquitetura para desenvolver os projetos de iluminação. Se por um lado a concorrência é grande em São Francisco, por existir cerca de 14 escritórios de iluminação, por outro acredito que existam em torno de 200 escritórios de arquitetura que precisam dos lighting designers para iluminarem suas obras”, concluiu.

Magna Ferreira conta ainda que na Alemanha e na Europa, em geral, todo profissional é muito especializado. “Os arquitetos querem ser os melhores na área deles, então não fazem os projetos de iluminação, contratam especialistas para isso. Eles sabem que a iluminação valoriza muito a arquitetura, então acabam unindo o útil ao agradável: ter menos trabalho com algo que eles não fazem com excelência, pois não têm essa especialização, e valorizar seu produto – a arquitetura – através da iluminação”, disse.



Os arquitetos querem ser os melhores na área deles, então não fazem os projetos de iluminação, contratam especialistas para isso. Eles sabem que a iluminação valoriza muito a arquitetura.



Magna Ferreira Schulz
Lighting designer – Alemanha

Percalços

Apesar de o lighting design ser mais reconhecido e valorizado no exterior, os profissionais também encontram dificuldades para exercer suas atividades. Nos Emirados Árabes Unidos, por exemplo, os lighting designers precisam importar praticamente todas as lâmpadas e luminárias, haja vista a baixa capacidade produtiva do país neste segmento. “Geralmente, esperamos de seis a oito semanas para receber um produto, mas não temos alternativas, pois 99,9% das peças especificadas vêm de fora. Importamos a maioria dos produtos da Europa e algumas coisas dos Estados Unidos”, informou o lighting designer brasileiro Rodrigo Roveratti, que atua no Delta Lighting Solutions, em Dubai, há quase oito anos. Além disso, o profissional afirmou que a concorrência no país aumentou significativamente nos últimos anos, o que obrigou os escritórios a diminuírem os preços dos projetos. “Há dez anos, eram raros os projetos com lighting designer on board. Hoje, 90% dos projetos de arquitetura possuem uma equipe de lighting designers. Cresceu demais e a competição é intensa. Quando cheguei aqui, havia apenas três escritórios de lighting design, hoje tem dez. A concorrência hoje é mundial, existem empresas dos Estados Unidos e da Inglaterra realizando projetos em Dubai”, contou.

Magna Ferreira conta que, assim como no Brasil, os lighting designers independentes na Alemanha também sofrem com a concorrência de grandes fabricantes que oferecem projetos de iluminação aos seus clientes. “Aqui também acontece isso e considero uma concorrência desleal, pois eles não cobram pelo projeto. Entretanto, o contratante sabe que essas empresas têm uma linha de conceito pré-estabelecidas e que não sairá muito daquela fórmula, pois os produtos impõem essa condição. Já o lighting designer faz um trabalho diferenciado”, disse.

Já nossa vizinha Venezuela sofre com a situação do mercado de iluminação, que é muito precária. De acordo com o lighting designer Marco Eugênio Teran, da METF Iluminación, existem apenas três profissionais atuando no país e quatro fora dele. “Não temos cultura de iluminação e nosso mercado é muito pequeno. Acredito que existam dez fábricas, 80 lojas de iluminação e 200 lojas de materiais elétricos. Como os cursos de arquitetura e engenharia elétrica não abordam o tema iluminação, os profissionais se formam mal preparados e acabam cometendo muitos erros no momento de atuar na prática”, resumiu. Para o profissional, o fato de ter tão pouca informação sobre a área de iluminação no país foi o fator motivacional para ele criar grupos relacionados à área nas redes sociais. “Criei grupos no Facebook e LinkedIn



Claudio Ramos
Banks|Ramos Arquitetural Lighting Design – EUA



Temos um código de ética muito restrito. Nele, fica bem claro que se o profissional recebe uma RT de um fabricante, não está trabalhando em benefício do cliente.





Rodrigo Roveratti
Delta Lighting Solutions – Dubai/EAU



Há dez anos, eram raros os projetos com lighting designer on board. Hoje, 90% dos projetos de arquitetura possuem uma equipe de lighting designers.



para propagar conhecimento sobre o ramo ‘da luz’ aos engenheiros, arquitetos, designer de interiores, entre outros profissionais,” completou.

Claudio Ramos contou que uma das principais dificuldades encontrada nos Estados Unidos é o grande número de intermediários entre o fabricante e o cliente final. “No Brasil, o lighting designer atua com o fabricante e o consumidor final e tem mais liberdade, inclusive para colocá-los em contato e aproximar a relação. Já nos Estados Unidos, entre o fabricante e o consumidor final existem diversas ‘camadas’ para serem passadas e isso acaba interferindo no preço”, explicou.

Normas

As normas técnicas exigidas ao redor do mundo parecem ser mais complexas do que aquelas estabelecidas em nosso país. De acordo com Magna, na Alemanha são utilizadas as normas da DIN (Deutsche Institute für Normung - Instituto Alemão para Normalização). Porém, cada estado pode requerer alguma outra norma técnica específica: “Em uma estação de metrô que trabalhei, eles aplicaram uma norma para iluminação de acordo com a norma alemã BOStrab (Operation of Light Rail Transit Systems), conforme a German Federal Regulations on the Construction. A quantidade de lux na plataforma era ligeiramente diferente da norma internacional padrão”.

A lighting designer ainda afirma que outro ponto característico da Alemanha é o excesso de cálculos. “Até os projetos residenciais mais simples possuem muitos cálculos. Os alemães prezam pela perfeição e isso irrita um pouco o brasileiro, pois ‘nós’ sempre queremos dar um jeito e eles não aceitam; essa rigidez acaba

atrapalhando um pouco a criatividade, pois não há flexibilidade”, informou.

Já nos Estados Unidos não existem normas técnicas, e sim recomendações do IES (Illuminating Engineering Society of North America). “Aqui, as normas de controle de energia são muito mais rígidas do que no Brasil, e cada região tem suas próprias normas. Isso pode parecer um complicador, quando na verdade é uma maneira de proteger os lighting designers; afinal, fica mais difícil para profissionais de outras áreas realizarem um projeto de iluminação que seja aprovado”, explicou Claudio Ramos.

No Oriente Médio, os lighting designers não possuem normas ou regras específicas para exercer a profissão, os trabalhos são baseados nas exigências da IALD (International Association of Lighting Designers) e da extinta PLDA (Professional Association of Lighting Designers). Entretanto, segundo Rodrigo Roveratti, o British Standard é mais tradicional e existe há mais tempo, o que sugere ser mais completo que as normas brasileiras. “Acredito que para ser lighting designer em Dubai é preciso ter uma bagagem técnica maior do que no Brasil. Os brasileiros que desejam atuar na cidade precisam provar todos os seus diplomas, com os carimbos da embaixada brasileira e da embaixada dos países onde realizam seus mestrados ou especializações”, disse.

Reserva Técnica

Falar sobre reserva técnica (RT) no ramo da iluminação, sem polêmica, não é uma tarefa das mais fáceis. No Brasil, é comum os profissionais receberem uma porcentagem de determinado fabricante para especificar seus produtos nas obras. Já em outros países essa prática não é vista com “bons olhos”. “Os escri-



Marco Eugênio Teran
METF Iluminación – Caracas/Venezuela



Não temos cultura de iluminação e nosso mercado é muito pequeno. Acredito que existam dez fábricas, 80 lojas de iluminação e 200 lojas de materiais elétricos.



tórios europeus são totalmente independentes, não existe RT. Os profissionais escolhem uma luminária para um projeto hoje e outra peça para outro trabalho amanhã. Temos muitas opções de produtos na Europa, o que dificulta escolher uma luminária que seja adequada e com bom preço”, esclareceu Magna.

Ainda segundo Magna, o que existe na Europa são escritórios que possuem parceiros, mas que deixam isso muito claro em seus websites. “Tenho para mim que estes escritórios até devem receber alguma comissão ou desconto nas luminárias destes parceiros. Porém, eles são vistos pelo mercado de uma forma negativa e acabam perdendo prestígio por não serem independentes”, disse.

“Sou membro do IES e temos um código de ética muito restrito. Nele, fica bem claro que se o profissional recebe uma RT de um fabricante, não está trabalhando em benefício do cliente; portanto, não é permitido. Agora, claro que existem profissionais que não são associados e não posso afirmar como eles trabalham”, destacou Claudio Ramos.

Rodrigo Roveratti reforça as informações dos lighting designers brasileiros sobre as reservas técnicas e também afirma que isso não ocorre no país em que atua. “Em minha opinião, a pior coisa que acontece no mercado brasileiro é uma empresa pagar o lighting designer para especificar suas luminárias. Essa prática acaba com o conceito do projeto”, justificou.

Escolha

Apesar de todos os entraves encontrados pelos lighting designers para exercerem a profissão fora do país, os profissionais entre-

vistados pela Lume Arquitetura não pensam em voltar ou iniciar a atuação no Brasil, pelo menos por enquanto. “Acredito que o mercado de iluminação brasileiro vem se desenvolvendo nos últimos anos, porém o processo é um pouco demorado. Outro ponto preocupante é com relação às peças oferecidas; creio que faltam fabricantes com produtos especializados, ou seja, que tenham componentes óticos mais complexos para o profissional desenhar a luz propriamente. Com isso, o lighting designer seria obrigado a importar as peças desejadas e isso deixaria o projeto inviável financeiramente”, ressaltou Claudio Ramos.

Magna acredita que o mercado alemão consome bem o lighting design, até por isso é sede de uma das mais importantes feiras do setor: “O arquiteto faz a arquitetura, o engenheiro faz a engenharia e nós fazemos o lighting design. Essa segmentação que faz parte da cultura alemã em tudo, não só nestas áreas, contribui muito para que seja um mercado mais fácil de trabalhar”.

“No Oriente Médio é mais fácil trabalhar como lighting designer. Os clientes sabem o que você faz e já são educados para contratar seu trabalho. No Brasil, não. É preciso educar o cliente primeiro para ele o contratar. Hoje, já é muito melhor do que há 10 anos; a profissão está crescendo, mas ainda não é o ideal”, explicou Rodrigo Roveratti.

Mesmo Marco Eugênio Teran, que vive em um país com uma economia mais fraca e mais fechada, acredita que é mais fácil ser lighting designer onde reside. “Ser lighting designer na Venezuela é mais fácil, afinal, temos a liberdade de fazer tudo o que queremos. Desde que sejamos corretos em todo o processo”, finalizou. ◀